

DESDE QUE

Lucas Henrique Nicolau Paiva¹

RESUMO

Este artigo propõe como objetivo a discussão sobre a fundamentação usada pelo sistema capitalista para fermentar, fomentar e perpetuar a LGBTfobia na sociedade, fazendo considerações à letra da música Desde Que, do autor Felipe Dassie, e com dados públicos que tratam da consequência real que surge com este avanço opressor. Com olhar marxista sobre este tema, o estudo sobre como enfrentar e como entender tal forma de opressão cresce na medida em que os números de mortes crescem junto. Logo, a proposta de discussão segue para a atitude de criação do Coletivo LGBTQIA+ no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que ainda que em seu início, conclui-se que já detém força formativa para criar métodos de enfrentamento à esta e outras refrações da Questão Social dentro e fora do Movimento.

Palavras-chave: *Coletivo LGBTI; LGBTfobia; MAB.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a música Desde Que, de Filipe Dassie, com um viés voltado para o materialismo histórico dialético, método marxista para análise da sociedade.

Compondo músicas com viés militante desde 2017, lançou em 4 de outubro de 2018 esta música em prol da luta LGBTQIA+.

Diante da proposta de observar músicas brasileiras que trazem uma crítica ao sistema, esta letra é de profunda crítica indo além da face econômica, mas também abrangendo a religiosa e a moral. De fácil entendimento, de mensagem direta, o compositor deixa bem nítido algumas refrações da Questão Social que hoje se fazem presente no dia a dia da comunidade LGBTQIA+.

¹ Militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), estudante de Serviço Social, lucaspaiva1997123@gmail.com

Como mostra Jhon Blancking:

O conceito de cultura é uma abstração esboçada para descrever todos os padrões de pensamento e interação, “um sistema organizado de símbolos significantes” (Geertz, 1975, 46), que persiste nas comunidades ao longo do tempo. Os instrumentos musicais e as transcrições ou partituras da música neles tocada não são a cultura de seus criadores, mas as manifestações desta cultura, os produtos de processos sociais e culturais, o resultado material das “capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”. Não podemos “ver” uma cultura: somente podemos inferi-la das regularidades na forma e na distribuição das coisas que observamos. Toda performance musical é, num sistema de interação social, um evento padronizado cujo significado não pode ser entendido ou analisado isoladamente dos outros eventos no sistema.

A música é uma expressão da cultura enquanto símbolos significantes para expor seus pensamentos e ou lutas ideológicas, sendo assim de fundamental importância para o desenrolar de fenômenos sociais.

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) visa lutar pela liberdade como valor ético e também pela dignidade da pessoa humana garantindo a diversidade do ser. Analisar esta letra, é analisar também a expressão de uma das faces da refração social contra a pessoa humana em suas diversas formas de liberdade e dignidade, e se faz necessária, pois assim, analisa-se a questão diretamente descrita por quem sofre com as consequências de um sistema maculado e cruento que pisa cotidianamente nos “não padronizados”.

Ao ser analisada, pode-se encontrar lutas encapadas pelos que sofrem opressão, ouve-se um clamor dos oprimidos pelo sistema capitalista. Analisar a denúncia do uso da hipocrisia na sociedade de classes, machista, patriarcal, branca, cristã, nesta música, mostra de forma atual (a letra é de 2019) como é sanguinária e maculada a forma como o Sistema se sustenta com o sangue das minorias, a ponto de querer controlar e padronizar todo indivíduo na sociedade.

A letra retrata com mais veemência as opressões que o sistema cria acerca dos homossexuais, usando do cristianismo (a maior religião, ou conjunto de religiões atualmente) e de princípios “morais” para marginalizar o homossexual e/ou o bissexual e as demais formas de orientações sexuais, abrangendo também a questão de posse masculina e religiosa sobre o corpo feminino.

O objetivo geral do trabalho é analisar de forma sistemática a refração social por detrás da letra da música, fazendo-se entender como de fato é a opressão contra os LGBT's e a

forma como está opressão modifica e ou interfere na sociedade de classes, interferindo diretamente na relação social; sendo estes, os objetivos específicos deste trabalho. Faz-se estrutura também deste, a análise bibliográfica para sua estruturação.

A MÚSICA ENQUANTO ARMA DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Segundo o site do FNDE, a música é considerada por inúmeros autores, uma prática cultural e humana; afinal, não há nenhuma civilização que não tenha alguma forma própria de exercer sua expressão. Ainda no mesmo site, lê-se que “Embora nenhum critério científico permita estabelecer seu desenvolvimento de forma precisa, a história da música confunde-se, com a própria história do desenvolvimento da inteligência e da cultura humana.”, onde se percebe o papel fundamental que a música tem na criação do desenvolvimento e cultura, sendo nitidamente um de seus pilares.

Tendo vários gêneros, a música popular ganha uma amplitude de ouvintes, sendo esta, o gênero da letra estudada neste trabalho. Segundo o site MUSICDOR (2019), a música popular também se caracteriza por ter letras fáceis de se decorar e melodias que fixam nas mentes. Isto resulta na apreensão da letra pelo ouvinte, e mais facilidade de sua interpretação.

A música é usada como grande arma para enfrentar, prevenir e como resistência na luta de classes. Segundo Adriano Pereira de Melo (2018):

“Podemos traçar também a ligação entre a música, a inteligência interpessoal e o tipo de ação ao qual essa inteligência está geralmente ligada, que é trabalhar com, e influenciar as pessoas. Ajudar os outros a entender música, influenciar o público através de uma interpretação ou buscar entender o pensamento do outro através da música são exemplos disso”.

Por este motivo, a música tem grande poder influenciador, pois visar entender a letra é também uma forma de formar opiniões e sendo assim, além de expor a ideia do autor, contextualiza a letra nos dias que são ouvidas.

Durante o período de ditadura militar brasileira (1964-1985), a música se torna uma arma constante de protesto e traz até os dias atuais efeitos como a profunda análise do contexto social de opressão que se vive baseando-se no já vivido. Até mesmo pelo fato de terem havido poucas mudanças, mesmo em análise a tempos passados. Suas letras cheias de protestos ou até mesmo metáforas (como por exemplo Cálice, de Chico Buarque e Milton

Nascimento, 1978), fazem a população pensar sobre o que é ditadura, opressão, liberdade de expressão, abuso de poder e como era formado o sistema da época. Sobre o uso de música na ditadura, o site Memórias da Ditadura, diz: “A função social da música deixava de ser o mero entretenimento. As canções eram concebidas para fazer pensar. E contaminavam as demais esferas da vida cultural: a moda, o comportamento, a atitude.”, mostrando mais uma vez, que a música tem poder de influenciar de forma concreta a vida das pessoas.

Mesmo após Ditadura, os artistas continuam a escrever letras que são análises críticas de uma sociedade opressora. Dentre elas, a que é objeto do nosso estudo; e continuam fazendo o ouvinte pensar sobre determinada realidade. Seja esta realidade o crescente antagonismo social (O Rico e o Pobre, Ary Toledo, 1993), ou crítica ao sistema (Fábrica, Legião Urbana, 1986) e também críticas às Refrações da Questão Social (Cota não é esmola, Bia Ferreira, 2018).

DESDE QUE

Segue então, a letra da música de Filipe Dassie, Desde que:

“Jesus vai voltar bugado quando olhar pra aporrinhção
 De tanto bitolado que promove alienação
 Libido se tornou pecado e o plural sofre perseguição
 Falácia tem gritado quando vociferam no sermão
 Que me amam, só não aceitam essa minha condição
 Me mandar pro inferno não é ódio é liberdade de expressão
 Travesti, sapatão, bixa poc sambam na pretensa cura
 Já tô farto de viver sob censura
 Eu não vou aceitar
 Sua crença me atacar
 Nada mais eu vou renunciar
 Só pra não te incomodar

Vem com esse papo de que é laico e não laicista, baby, atente,
agora vou te informar

De que sua prece, sua benção, eu me ponho a aceitar

Desde que você não condene o amor

Desde que você não imponha louvor

Desde que você não proclame a dor

Tô de boa com a reza e oferenda que você fizer

Desde que você não profane Exu

Desde que você não reforce tabu

Desde que você não controle o meu cu

Aham, paz na terra e no céu. Paz na sua fé

Pastores deputados já são consagrados em corrupção

Discurso inflamado e mistificado move a multidão

Juízes estão condenados e viados privam-se de seu coração

Senado desmoralizado é vaiado em cada decisão

Nenhum mito vai salvar nossa má reputação

De um país inseguro que defende a sua própria repressão

Travesti, sapatão, bixa poc contra essa ditadura

Estamos fartos de viver sob censura

Eu não vou aceitar

Sua crença me matar

Nada mais eu vou renunciar

Só pra não te incomodar

Vem com esse papo de que é laico e não laicista, baby, atente,
agora vou te desenhar

De que sua prece, sua benção, eu me ponho a aceitar

Desde que você não condene o amor

Desde que você não imponha louvor

Desde que você não proclame a dor

Tô de boa com a reza e oferenda que você fizer

Desde que você não profane Exu

Desde que você não reforce tabu

Desde que você não controle meu cu

Aham, paz na terra e no céu. Paz na sua fé

Irmãs!

Já chega de só decidir entre a cruz e a espada

Ser pura e boa mãe ou puta e desmoralizada

Clausura ou fogueira, casta ou ser estuprada

Aceito a proteção das santas e das maculadas

Desde que

Não forcem o meu corpo a parir

Meu gozo eu não tenha que abolir

Posso com sua benção consentir

Desde que você não condene o amor

Desde que você não imponha louvor

Desde que você não proclame a dor

Tô de boa com a reza e oferenda que você fizer

Desde que você não profane Exu

Desde que você não reforce tabu

Desde que você não controle meu cu

Aham, paz na terra e no céu. Paz na sua fé”

A RELIGIOSIDADE E O A PADRONIZAÇÃO FAMILIAR

Ao observar a letra, e como dito anteriormente, pode-se perceber o clamor de indivíduos martirizados pelo preconceito, fanatismo religioso, machismo, neoliberalismo, fanatismo político-partidário bolsonarista, enfim, pelo que o sistema capitalista propõe para todos os que não se encaixam na padronização proposta por ele.

Em pleno século XXI, a religião ainda é usada para manter a moral e bons costumes. Contudo, esta utiliza de uma quebra ética para com o outro, quando usam da violência para impor seus conceitos. Lado outro, Nietzsche nos recorda o seguinte:

A Igreja combate as paixões com a excisão em todos os sentidos: seu procedimento, sua “cura”, é o *caratismo*. Ela nunca pergunta: ‘como se espiritualiza, se embeleza, se diviniza um apetite?’ – Em todas as épocas, ela colocou o acento da disciplina na extirpação (da sensualidade, do orgulho, da ambição pelo poder, da cobiça, da sede de vingança). – Porém, arrancar as paixões pela raiz, significa arrancar a vida pela raiz: o procedimento da Igreja é hostil à vida. (NIETZSCHE, 2017, p.43)

Entende-se logo que o poder de persuasão que a moral religiosa impõe sobre os homossexuais e bissexuais vem de longas datas e se faz de forma cruel.

A padronização familiar se fez necessário para garantir a propriedade privada do sistema capitalista; contudo, tal meio só se aplica de forma excludente, marginalizadora, desumana, enfim, opressora. Pensar na perpetuação da família do modo como se é colocado tão divinamente, seria pensar na reprodução de mão de obra. Onde os pobres precisam produzir mais pobres para compor ou mão de obra barata, ou mais pessoas no exército de indústria reserva para oprimir e marginalizar os trabalhadores como um todo; e os poucos que detém a força do capital, gerariam herdeiros e não permitiriam que suas heranças caíssem na mão dos pobres ou do Estado. Dentro desta lógica, a homossexualidade se torna pecado mortal, condenado por Deus; o mesmo que criou o ser humano assim, maravilhosamente LGBTQIA+.

Quando se nega ao LGBTQIA+ sua liberdade de amar quem quiser, se nega a natureza da pessoa que ali está. Tudo para que o capital seja cada vez mais honrado. Mesmo que isso custe sangue de inocentes. E sangue físico extraído de agressões homofóbicas, sangue “psicológico” extraído das pressões que a comunidade LGBTQIA+ vive; sangue “patrimonial” quando os integrantes da comunidade são marginalizados pelo preconceito, onde muitas vezes lhes restam profissões mal remuneradas e até mesmo uma relação trabalhista informal (já que homens afeminados e mulheres masculinas tem mais dificuldade em se inserir no mercado de trabalho). Mas isso se tratará mais adiante.

Desta forma, a religião cristã se torna o meio mais viável para ajudar a garantir a perpetuar tal ideologia sem que mostre a face cruel oculta na intenção. Nietzsche ainda nos mostra que “aniquilar as paixões e os apetites apenas para evitar sua estupidez e as consequências desagradáveis dessa estupidez nos parece hoje apenas uma forma aguda de estupidez” (NIETZSCHE, 2017, p.42). Como dito na própria letra da música citada anteriormente, os cristãos mandam os LGBTQIA+ para o inferno, como forma de demonstração de poder e imposição religiosa, contudo, se contrariados, reclamam ser vítimas de ódio e intolerância, que não podem expressar sua fé (de forma controladora). O que para tal religião, uma simples expressão de amor, fere a dignidade humana, não é “*natural*”.

POLITICAMENTE CORRETO

Tem-se também a percepção do advento de uma forma extraordinariamente brasileira de opressão contra a comunidade LGBTQIA+; a onda bolsonarista, “o mito dos burros”.

O neoliberalismo vem trazendo consigo a agudização das refrações sociais como um todo. Especialmente por coisificar cada vez mais o ser humano a fim de glorificar o capital financeiro e fetichista, do qual Iamamoto (2011) se procria como que com “ovos de ouro”. A burguesia se ergue ferozmente em busca de lucro diante de mais uma cíclica crise capitalista.

No Brasil, diante do seu desenvolvimento tardio industrial, enquanto o Estado de Bem Estar Social estava quebrando os países (o sistema capitalista não pode sustentar muitos benefícios ao trabalhador, afinal, vive da opressão trabalhista, do embate Capital x Trabalho.), aqui no Brasil tínhamos um esboço de Bem Estar Social com a explosão de vários benefícios sociais no governo Lula. Como nada que privilegia o trabalhador vinga neste sistema, imbuído de vários casos de furto, lavagem de dinheiro, pedaladas fiscais, o

governo petista foi destituído por um golpe a fim de que as implementações neoliberais pudessem se instaurar de forma mais clara, sem rodeios nem “concepções”.

Surge então a figura de um homem hostil, que fala o que vem à cabeça, sem papas na língua, que não entende o que se propõe a fazer, diz que não entende e que representa de forma nítida todo preconceito enraizado na sociedade brasileira. Um mito! Um Messias que salvaria o país de uma situação financeira tão delicada. Como? Utilizando como lema um escárnio à própria constituição laica, quando coloca a religião cristã acima de qualquer coisa durante seu governo.

Não se deve esquecer, que esta religião é a mesma que segue um livro sagrado que coloca a mulher como submissa ao homem (Efésios 5, 21-23), que induz com que matem os homossexuais (Levítico 20,13), que coloca como seres divinos os governantes, e que conseguiu poder no meio da sociedade pela promessa que se não o seguir, irá para um lugar onde há dor e ranger e dente (Mateus 13,50).

Com as manifestações de junho de 2013, a chamada direita no Brasil tem uma grande rachadura da qual surge uma nova face política, a extrema direita. Suas bases são o ódio contra todas as minorias (embora alguns façam parte desta, mas não se reconhecem como tal), o abraço ao antipetismo, anticomunismo e antissocialismo (embora muitos de seus integrantes nem saibam diferenciar estes termos e nem mesmo leram algo sobre), e a supremacia da religião cristã e seu livro sagrado.

Armados com este livro e com todo ódio, surge a onda bolsonarista que emerge como um apelo por mudança. Inicialmente, a sociedade vê este momento não com a importância e seriedade que lhe é devido, mas como certa histeria coletiva, aonde muitos vão seguindo as palavras do tal messias sem mesmo observar as entrelinhas que carregam tanto peso contra as minorias. Mas ainda assim, o fanatismo político-partidário, faz com que muitos ainda sigam de forma cega e veemente os ensinamentos, e tolices de seu “mito”. A história do Messias que vem salvar o povo, reaparece. Mas agora, de forma cruel e cruenta não para como Messias, mas para com as minorias.

Dentre alguns ensinamentos, vemos que se a criança cresce “meio viadinha”, uma surra resolve; tal ato estimula o ódio e a homofobia dentro da própria casa. Outro ensinamento é o fato de que agressão física ajudaria a acabar com o sujeito afeminado.

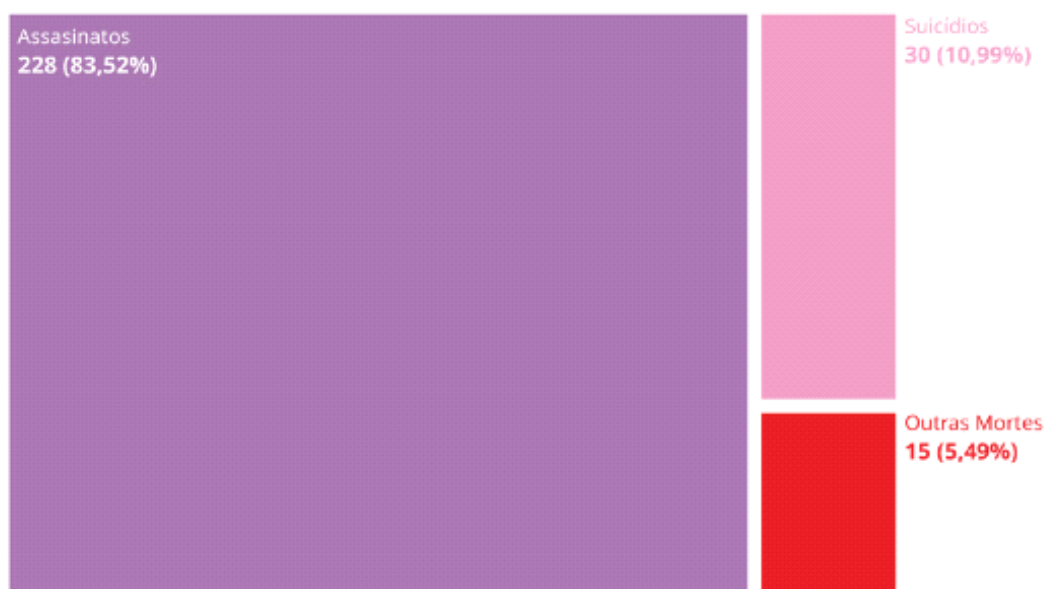
A união de todos estes meios de opressão gera várias faces da marginalização, exclusão, e ódio contra a comunidade LGBTQ+. Tudo isso, em prol de um capital que é

fetichista; se vê pessoas defendendo um sistema que as coisificam, que as engolem, que as exploram de inúmeras formas.

De acordo com o site Observatório de Mortes e Violências LGBTQIA+ no Brasil, em 2022 o país matou cerca de 273 LGBT's. Sabemos que este dado pode ser muito maior, pela deficiência em coleta de dados que ainda temos sobre tudo que diz respeito a toda forma de opressão machista, seja LGBTfobia ou feminicídio. Contudo, 159 dessas mortes foram de travestis e mulheres trans; 96 de gays, oito lésbicas, oito homens trans e pessoas transmasculinas, uma pessoa não binária e um de outro segmento.

A violência contra os LGBTQIA+, é caso de saúde, quando o mesmo site traz que destas mortes catalogadas, há um número considerável de autoextermínio. Segue o estudo:

FIGURA 4: TIPIFICAÇÃO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTQIA+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTQIA+ NO BRASIL, 2022.

Gráfico: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/> (último acesso em 19/06/2023).

Diante do conteúdo do estudo trazido pelo site, em 2022, houve uma morte violenta de LGBTQIA+ a cada 32 horas. Sabemos que as políticas públicas ainda não são eficazes para trazer real segurança e inserção de todas, todos e todes os LGBT's tanto no mercado de trabalho, como na vivência em sociedade.

UMA ANÁLISE DA CONSTITUIÇÃO

A todos se tem a ciência de que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é conhecida por ser a “Constituição Cidadã” por proporcionar direitos e garantias fundamentais e igualdade a todos os cidadãos brasileiros. Mas até que ponto o Artigo 5º consegue se efetivar numa sociedade preconceituosa?

A seguir alguns incisos do Artigo 5º e umas observações diante da atualidade.

III – Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Embora seja o terceiro direito garantido neste roll, o preconceito, o racismo, o machismo, homofobia, transfobia entre outras formas de ódio, são sim tão desumanos, torturantes e degradantes. Sofrer a padronização imposta pelo capitalismo faz com que veladamente este inciso seja esquecido em cada comentário pejorativo que as minorias recebem.

IV – É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

É livre quando o filho assume ser homossexual aos pais? É realmente livre ele ser quem ele é na família e na sociedade? Apenas na teoria; afinal, este filho não pode ser afeminado, se vestir como mulher e nem namorar outro homem. O mesmo serve as mulheres. Caso contrário, a manifestação de seu ser pode até mesmo resultar em morte. A violência contra o diferente está entrelaçada no seio da formação social capitalista. Entende-se aqui também a deficiência de políticas públicas de acolhimento ainda nos dias de hoje.

X – São invioláveis a intimidade, a vida privada a honra e a imagem das pessoas (...);

Este inciso por si só já é autocrítico. Aqui poderia ser retratada a “família tradicional brasileira” com um caso de homossexualidade na família. Sem contar os apelidos degradantes na sociedade; tais como “viado”, “bicha”, “sapatão”, entre outros.

XV – É livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

Em tempos atuais, para um LGBT assumido ou não, ou transexual e travesti, por exemplo, andar nas ruas, tem que ter todo cuidado. A hora, o local, a roupa, fazem com

que eles possam caminhar ao lado da morte sem mesmo perceber. Na sociedade imbuída de ódio, o direito de ir e vir efetivo se restringe a poucos.

XLVII – Não haverá penas:

a) de morte, salvo em caso de guerra declarada (...);

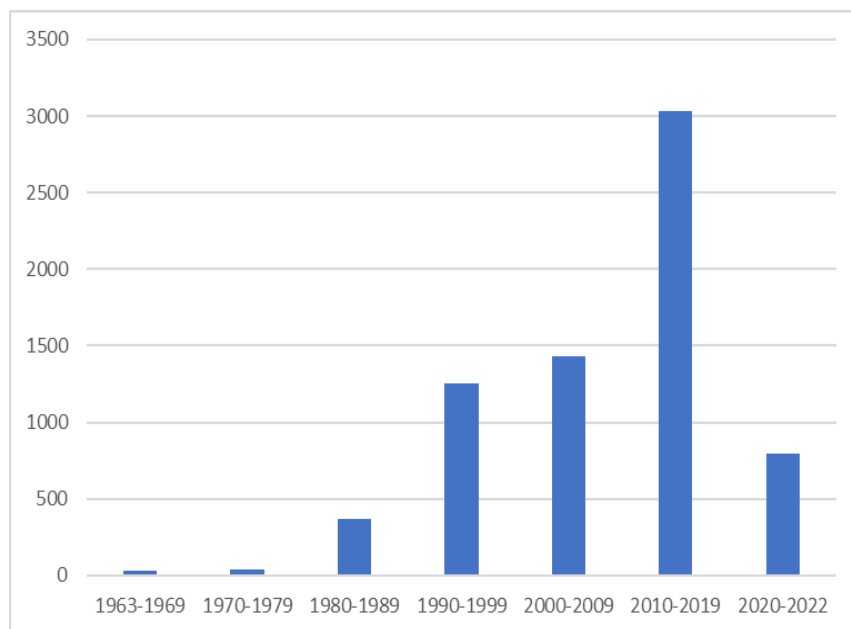


Gráfico: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/> (último acesso em 19/06/2023).

Ser LGBT hoje ainda é sim uma pena de morte legitimada pelo Estado democrático de Direito Capitalista.

COLETIVO LGBTI+ DO MAB

Dentro do caráter de defesa de direitos do Movimento dos Atingidos por Barragens, o estudo da conjuntura e realidade da sociedade resulta em ações concretas da destruição do patriarcado, machismo e qualquer forma de opressão que advém do sistema capitalista.

O processo de reconstrução da sociedade perpassa várias áreas de atuação do movimento. Como uma proposta de rever e reorganizar a questão de gênero, racial, e ampliar o debate sobre LGBTfobia e direitos da população LGBTI+, principalmente já organizada no movimento.

Os atingidos e as atingidas por barragens são as mais diversas pessoas, dentre elas, somos LGBT's revoltados com a forma cruel – um pouco estudada acima – mas

conscientes que sem nós, nem a quebra do sistema capitalista, nem mesmo um ato se faz com a mesma qualidade, pois "expressar as formas de orientação sexual e identidade de gênero também é um ato político e politizador".

O MAB tem sua luta pautada na defesa de uma classe dentro da contradição criada *Capital x Trabalho*, e assim se abriu em 2016 para um coletivo que discutisse e estudasse a questão da diversidade sexual como meio de entender para lutar contra mais uma forma opressora da sociedade a nível nacional desde 2016. Embora um coletivo novo, e com desafios internos e externos, vem tendo inclusão, estratégias e estudos como forma afirmativa de garantir local de fala e real representatividade nas lutas.

A união do estudo de diversidade de gênero com o estudo sobre o funcionalismo do capitalismo, gera para as atingidas, atingidos e atingides força para perpetuar a luta por liberdade.

CONCLUSÃO

Mesmo diante de todas estas opressões, há uma chamada a toda comunidade LGBTQIA+ para se unir contra quem as oprime. Recorda-se facilmente do chamado do Manifesto do Partido Comunista, onde Marx (1888) chama todos os proletários a se unirem para a quebra do sistema capitalista e construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana. Em 1917, Lênin junto com os explorados da Rússia fazem com esta sociedade exista, o que reforça nossa esperança em dias melhores.

A união de toda comunidade contra o preconceito e também contra o opressor, que neste caso é todo um complexo com engrenagens e armas, pode fazer com que este sistema quebre e se recomece um novo sistema como em 1917, na Revolução Russa. Um sistema igualitário, sem opressores e oprimidos.

Enquanto durar o sistema que se alimenta da opressão, sempre existirá oprimido e opressor. Logo, enquanto existir a defesa da propriedade privada, a padronização da família, a padronização do indivíduo, a super exigência moral para o mercado de trabalho, enfim, enquanto existir capitalismo, ainda existirão mortes das minorias. Que por sinal, não somos poucos como querem nos dizer.

(...) o capitalismo tem uma tendência estrutural a rejeitar as desigualdades extraeconômicas, mas que essa tendência é uma faca de dois gumes. Estrategicamente, ela implica que as lutas concebidas em termos extraeconômicas – puramente contra o racismo, ou contra a opressão de gênero, por exemplo – não representam em si um perigo fatal para o

capitalismo, que elas podem ser vitoriosas sem desmontar o sistema capitalista, mas que, ao mesmo tempo, terão pouca probabilidade de sair vitoriosas caso se mantenham isoladas da luta anticapitalista. (WOOD, 2003)

Este estudo é consequência das provocações ao Coletivo LGBTI+ de Minas Gerais a fim de reafirmar a luta, organizar pessoas e por fim, provocar o coletivo a discutir sobre opressões estruturais com base no método de análise marxista da realidade, tendo sempre como lado na história, o lado dos atingidos por um sistema opressor. Que aluta seja interna por lugar, voz e vez dentro do movimento e externa para garantia de nossos direitos; acima de todos, o de vida digna!

"Somos atingides, somos diversidade, na luta por direitos e por uma nova sociedade!"

BIBLIOGRAFIA

<https://www.youtube.com/watch?v=00LKA0mweM> (acesso em 17/06/2020)

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm> acesso em 17/06/2020

WOOD, Ellen Meiksins. Democracia contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico. Editora Boitempo. São Paulo, 2003, página 232.

NIETZSCHE, Frederich. Crepúsculo dos ídolos. Tradução, apresentação e notas de Renato Zwick – Porto Alegre, RS. Editora L&PM, 2017.

<http://www.fnde.gov.br/index.php/acessibilidade/item/4098-m%C3%BAsica> (acesso em 19/06/2023)

<https://www.musicdot.com.br/artigos/saiba-o-que-e-musica> (acesso em 19/06/2023)

<http://memoriasdaditadura.org.br/movimentos-musicais/> (acesso em 19/06/2023)

<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/> (acesso em 19/06/2023)

<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/> (acesso em 19/06/2023)